

## ATUALIDADES



Cenas do nascimento de Brasília (da esq. para a dir.): trabalhadores na cúpula do Congresso Nacional (1958); candangos na inauguração; JK e Lucio Costa conferem o Plano Piloto in loco (1957)

### HISTÓRIA

# A metrópole prometida

LUÍS ANTÔNIO GIRON  
de Brasília

A inclinação de Brasília a cidade histórica já se revelava no berço. Em um bilhete inédito, encontrado entre os papéis de Lucio Costa por sua filha, Maria Elisa, também arquiteta, Juscelino Kubitschek escreve a Rodrigo M. F. de Andrade, criador do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O então Presidente da República manifestava temor pela deturpação do Plano Piloto pelas “arremetidas” da especulação imobiliária e da migração. Na mensagem, pedia que o SPHAN “forçasse” a inclusão da cidade como conjunto histórico a ser tombado. Isso em junho de 1960, menos de dois meses após sua inauguração:

“Rodrigo,

A única defesa para Brasília está na preservação do seu plano piloto. Penso que o tombamento do mesmo poderia constituir elemento seguro, superior à lei que está no Congresso e sobre cuja aprovação tenho dúvidas.

Peço-lhe a fineza de estudar esta possibilidade ainda que forçando um

pouco a interpretação do Patrimônio. Considero indispensável uma barreira às arremetidas demolidoras que já se anunciam vigorosas.

Grato pela atenção  
Abraços  
Juscelino  
15-6-60”

JK já previa a conversão do Plano Piloto em marco histórico, uma obra de arte gerada pelo “gesto político criador”. Mineiro, tinha afeto especial pelas cidades de seu estado. Chamou Niemeyer para construir o Complexo da Pampulha, no coração de Belo Horizonte — cidade planejada por urbanistas positivistas. JK observava os “Autos da Devassa” dos Inconfidentes, como se fossem verbo sagrado. E uma das teses dos revoltosos de 1789 era de que a capital da República deveria ser transferida para o interior. Segundo uma denúncia de Silvério dos Reis, em junho de 1789, “a nova capital havia de ser a vila de São João del Rei”. Foi para evocar o anseio inconfidente que JK mandou trazer quatro sinos de Ouro Preto para que dobrassem na missa inaugural da capital, em 21 de abril de 1960 — data da Inconfidência Mineira.

Ao traçar o Plano Piloto (1957), Lucio Costa (1906-1999) contrapôs os monumentos à paisagem do cerrado. Lembrava-se dos prados de sua infância no Sul da França. Brasília era a projeção da cidade ideal, mistura de Londres, Nova York, Paris e Florença, “uma civitas, não uma urbs” que evocasse menos Roma que Atenas. Também Niemeyer citava Veneza ao conceber os pilotis e as formas leves dos palácios brasilienses (um projeto seu nunca vingado é fincar uma ponte sobre o Gran Canale).

O projeto da nova capital se revestia de estética e messianismo. Em seus discursos durante as obras, JK seguia um padrão ufanista. Um exemplo foi a mensagem aos estudantes em 1957: “A conquista do planalto é a continuação de uma viagem que se iniciou com a chegada da frota de Cabral à Bahia, que prosseguiu com Mem de Sá para o Rio de Janeiro, que se alargou imponente na caminhada das Bandeiras e que agora, para alta e merecida honra de minha vida, retomo com o pensamento na integração do Brasil a si mesmo para posse do povo brasileiro do seu próprio e imenso território”.

Havia sofreguidão para construir a cidade e cumprir uma promessa de campanha que se transformara, ao longo dela, em foco principal de um programa político. JK invocava imagens religiosas e cívicas para justificar a transferência da sede do governo do Rio para o coração do nada que era então o local demarcado para abrigar uma futura capital de acordo com a Constituição de 1891.

No repertório de JK, figuravam vultos precursores. São João Bosco (1883) profetizou o surgimento de uma “terra prometida, de riqueza inconcebível” no paralelo 15. José Bonifácio apresentou à Assembléia Geral Constituinte de 1823 a “Memória sobre a necessidade de edificar no interior do Brasil uma nova Capital”. O nome “Brasília” apareceu num aditamento de 1822: “No Centro do Brasil, entre as nascentes dos rios confluente do Paraguai e Amazonas, fundar-se-á a Capital deste reino, por denominação de Brasília, ou qualquer outro”. Era metrópole prometida havia muito.

E JK não tinha tempo a perder. Os “50 anos em 5” do plano de governo começavam com a afobação de construir. Foram 4 anos que valeram a difícil conquista da “popularidade futura”, como JK disse em um discurso. Inspeccionava as obras da Petrobrás em Anápolis quando convocou uma reunião na sala do aeroporto para redigir o pedido de autorização para a construção da nova capital. Eram 4h30 da madrugada de 9 de março de 1956. Com a aprovação, criou a Novacap, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob regime orçamentário especial e a presidência do engenheiro Israel Pinheiro.

JK convocou Niemeyer para projetar Brasília. O arquiteto aceitou fazer os palácios e sugeriu uma competição para o plano urbanístico. Em setembro, saiu o edital do concurso. Determinava que a “cidade funcional” deveria “expressar a grandeza de uma vontade nacional, deverá ser diferente

de qualquer cidade de 500 mil habitantes”. Participaram 26 projetos. O resultado, anunciado em março de 1957, apontava como vencedor o projeto número 22, de Lucio Costa, inscrito às pressas e desenhado a bordo de um navio, na volta de um congresso de design em Washington. “O esboço da cruz do Plano foi feito por meu pai no papel timbrado do navio”, lembra Maria Elisa.

No memorial ao júri, formado por urbanistas internacionais, Costa revela que a forma da cruz lhe surgiu do “gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse”. No plano, eliminava cruzamentos, dando ao eixo “a função circulatória tronco, com pistas centrais de velocidade e pistas laterais para o tráfego local, e dispondo-se ao longo desse eixo o grosso dos setores residenciais”. Visão futurista: esplanadas (palavra que Costa reciclou), vias expressas, padrões residenciais repetitivos e igualitários.

Oscar Niemeyer desenhou prédios e palácios para “provocar aos visitantes surpresa e emoção”, a exemplo da praça de São Marcos em Veneza, “obras que causam impacto indescritível pela beleza e audácia com que foram realizadas”.

Em 1958, 60 mil pessoas trabalhavam nas edificações. O regime era de doze turnos, uma média de 16 horas diárias por operário da construção. Houve mortes e fuzilamentos, ocultados, segundo o cineasta Vladimir Carvalho, autor do documentário “Contrêrreos Velhos de Guerra” (1991), para não macular a nova face do Brasil. O filme mostra como se deu o massacre de Vila IAPI, no Carnaval de 1959, quando cerca de 100 operários protestaram contra a comi-

da servida pela Novacap e foram metralhados pela Guarda Especial de Brasília, sem deixar vestígios. “O prestígio de JK era imenso”, ironiza Carvalho. “E Niemeyer nega”.

Os acidentes de trabalho não podiam transpirar, mesmo porque, como dizia a revista “Brasília”, editada na época pela Novacap, com participação de Niemeyer, a capital realizava “um ideal estético brasileiro através da consolidação, na urbe nova, racionalmente planejada, de diferentes artes visuais integradas à arquitetura e à natureza”.

Para legitimar esse ideal, deu-se em Brasília, em setembro de 1959, o Congresso Extraordinário de Críticos de Arte de Todo o Mundo, coordenado por Mario Pedrosa. Entre as muitas manifestações, o crítico do Ceilão, Ranjit Fernandi, disse surpreender-se com o espírito de união entre as classes de trabalhadores. Quase todos aplaudiram a cidade como a realização suprema da arquitetura do século XX. Exceção foi o italiano Bruno Zevi, que declarou, horrorizado: “Não podemos pré-frabricar uma cidade e depois adaptar o povo a ela. O Plano Piloto deve orientar e liderar o desenvolvimento de uma cidade, enquanto o centro monumental de Brasília sufoca a vitalidade da cidade. É uma cidade de Kafka”. Zevi considerou negativa a arquitetura, pois “foi concebida nos moldes da Renascença, contrário à concepção de tempo e de espaço, fachadas com estruturas que parecem formas livres e vice-versa”. O padrão de ataque contra a “capital do ano 2000” se repetiria nos 40 anos seguintes.

Até a crítica futura parece ter sido planejada em Brasília.

**“O centro monumental de Brasília sufoca a vitalidade da cidade. É uma cidade de Kafka”**